

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1924, aos 48 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de memória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1917), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou na biblioteca do estado (atual IUPERJ) e também se dedicou ao magistério em cursos de Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1913, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense e publicou as seguintes obras: *Os Dias de 1898* (1913), *Os Dias de 1913* (1914) e *Os Dias de 1914* (1915).

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Tese de doutorado em Letras, apresentada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Disponível em: http://www.cnpq.br/arquivos/antologia_poetas_academica_cearense.pdf. Acesso em: 10/05/2014.

quando foi eleito presidente do conselho. Surgiu a ideia de publicar uma antologia da poesia produzida. Com a ajuda de Leonardo Melo, jornalista, foi elaborado um quadro acadêmico, ocasião em que o poeta de Aquidauana foi eleito presidente da Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAPIQUE

LEONARDO MELO
1914

Vence a Fúria e o Desejo,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas do Proconceito
Recupera novos ideais,
Tirando a fim a umidade,
Magnando a Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Féria é Glória condida.

Os céus se vestem de espumas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

LEONARDO MOTA

Leonardo Ferreira Mota (Leota) nasceu no dia 10 de maio de 1891, em Pedra Branca, Ceará, e faleceu em Fortaleza em 2 de janeiro de 1948, aos 57 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em 1916, foi notário público, professor, conferencista, cronista de rádio e jornalista. No jornalismo, fundou em Ipu a *Gazeta do Sertão* e em Fortaleza trabalhou como redator do *Correio do Ceará* e diretor da *Gazeta Oficial*.

Considerado o “príncipe dos folcloristas nacionais” é, no dizer de Raimundo Girão, “o mineiro descobridor de filões exuberantes de ouro e das pepitas riquíssimas da poesia matuta, até ali anônima, vivendo de boca em boca mas sem os nomes dos donos”. Foi poeta cujos poemas ficaram pouco conhecidos em virtude de sua paixão pelo folclore. Principais obras: *Cantadores*, 1921; *Violeiros do Norte* (Prêmio da Academia Brasileira de Letras), 1925; *Sertão alegre*, 1928; *No tempo de Lampião*, 1930; *Prosa vadia*, 1932; *A Padaria Espiritual*, 1938; *História eclesiástica do Ceará* (inacabado) e *Adagiário brasileiro*, 1982 (seus livros tiveram várias edições).

Leonardo Mota foi o principal auxiliar do presidente Justiniano de Serpa na primeira reorganização do sodalício. Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 8 de setembro de 1922, tendo ocupado a cadeira 32, cujo patrono era Franklin Távora. Seu nome foi injustamente esquecido na reorganização ocorrida em 1930. Foi reeleito para ACL em 4 de julho de 1937 para preencher a vaga deixada por José Sombra Filho, cadeira 28, cujo patrono era Oto de Alencar. Tomou posse no ano seguinte, ocasião em que foi recepcionado pelo acadêmico Dolor Barreira. Foi membro do Instituto do Ceará.

QUARTOZETO

*Tão lembrado de mim teus olhos trago,
Tanto ao prazer de em ti pensar me entrego,
Que até de mim me esqueço e alheio, cego,
Pela do Sonho estrada de São Tiago.*

*Velas desfraldo ao vento, sobre o pego
Da Cisma, de ondas moles como lago:
Nada importa ignorar quando naufrago,
Se sei que em doce paz hoje navego.*

*Senhora, a merecer-te o ósculo amigo,
Se é cantar, se é sofrer, a alma interrogo,
E a alma: - “Cantar-lhe o coração verdugo!”*

*Tem, pois, meus versos líricos contigo!
Nele exalço teu poder e rogo
A doce graça de sofrer teu jugo.*

FONTE: VICTOR, HUGO. *SONETOS CEARENSES*. FORTALEZA: IMP. OFICIAL, 1938. P. 131.

BEIJOS

*Teu beijo que será? Se eu, algum dia,
Puder saber a essência misteriosa
Desta cristalizada sinfonia,
Descendente do pétalo da rosa,*

*Hei de dar-lhe os encantos da Poesia
Na rima de uma estrofe dulçorosa...
E dedilhando a lira harmoniosa
Tu ver-me-ás radiante de alegria!*

*Não tarda esse momento! A tantos beijos
E a tanto amor repleto de desejos
Alvo moveu-te, imaculada flor...*

*Hás de dizer-m'ó um dia quando a vida
Abri-se para nós, indefinida,
N'alma ventura do primeiro amor!*

PEDRA

*Pedra que eu amo, pedra confidente
De todo o mal que o coração tortura,
Tu, que tens a serena compostura
De quem da vida a inquietação não sente,*

*Tu, que vives de todo indiferente
Ao lodaçal desta charneca impura
Que nós chamamos mundo, pedra escura
Que eu te cobice a placidez consente!*

*Pudesse eu ter a calma soberana
Que tens, em vez da agitação insana
A sacudir meu peito de precito...*

*Faze-me, pedra, à tua semelhança:
- Dá-me o sossego, a plácida confiança,
Faze desta alma um bloco de granito!*

FONTE: BARREIRA, DOLOR. *CLÓVIS BEVILAQUA E OUTROS TRABALHOS*. FORTALEZA: IMP. UNIVERSITÁRIA, 1956. P. 138-139, 140. (BIBLIOTECA DE CULTURA, v. 1).

